

dando-os amontoar na carroça. O burro e o delegado levaram o livro para a repartição de polícia”.

Aproveitava para fazer uma comparação: “Na minha infância, havia na rua S. Bento um sapateiro que tinha uma tabuleta onde vinha pintado um leão que, raivoso, metia o dente numa bota. Por baixo, lia-se: ‘Rasgar pode; descoser, não’. Dê-me licença para plagiar o sapateiro e para dizer: ‘Proibir podem; responder, não’”⁽¹⁷⁷⁾. Prado aproveitaria a oportunidade para frisar alguns aspectos do episódio: “O autor recebeu de todos os pontos do Brasil grande número de cartas pedindo-lhe um exemplar do livro proibido. Estas cartas vinham assinadas por nomes dos mais distintos do país, e a todos estes correspondentes peço desculpa por me ter sido impossível aceder aos seus pedidos. Mencionarei somente, para prova de que entre os republicanos brasileiros alguns há que não são inimigos da liberdade de pensamento, uma carta do sr. Saldanha Marinho, em que este patriarca do republicanismo, saudoso, decerto, das práticas liberais da monarquia e rebelde às idéias liberticidas de hoje, protestava contra a proibição desse trabalho. A todos e a cada um cabem os agradecimentos do autor”⁽¹⁷⁸⁾.

De outro lado, havia jornais como *O Jacobino* e *O Nacionalista*, de exaltada orientação florianista. Dirigia o primeiro Deocleciano Mártir, “tipo um tanto aloucado, impetuoso e explosivo”⁽¹⁷⁹⁾. Sua especialidade era a lusofobia; não só a praticava pela divulgação de anedotas com que achincalhava os portugueses e eram repetidas pelos cafés, rodas de rua, salões e até nos palcos que representavam revistas como pela publicação de notícias como estas: “A patriótica febre amarela matou, pelo correr da semana, 110 portugueses”; “O português Antônio Manuel da Silva ficou, sábado último, com a perna esquerda esmigalhada pela roda de um bonde das Laranjeiras. Pobre roda!” *O Nacional*, dirigido por Aníbal Mascarenhas,

(177) A segunda edição de *A Ilusão Americana* apareceu em Paris, em 1895.

(178) *A Platéia* teve a circulação suspensa, em 1894, por fazer oposição violenta ao governo de Floriano. Voltou a circular, pouco depois, e longamente. Seu fim foi triste: fechada, em 1942, por defender a política do Eixo nazi-fascista.

(179) “Ainda moço, perdera uma das pernas e andava de muletas. Contudo, mesmo assim, estropiado, capenga, entrava, muita vez, em ação, nos ataques de rua feitos contra os nascidos em além-mar. E era de vê-lo em meio aos mais perigosos conflitos, saltando num pé só: como Saci, o seu bastão de apoio, arma temível de combate, em rodopios pelo ar. Em suas exaltações patrióticas, rebelado, mais tarde, contra o programa de apaziguamento seguido por Prudente de Moraes (tendo-o como sabotador da obra nacionalista de Floriano), viu-se posto entre as grades de um cárcere, acusado que foi de animador ou de comparsa na tentativa de homicídio que, contra o grande presidente, foi levada a efeito no Arsenal de Guerra, a 5 de novembro de 1895, e da qual resultou a morte do marechal Machado Bittencourt”. (Luís Edmundo: *De um Livro de Memórias*, 5 vols., Rio, 1958, págs. 426/429, II).